

ORGANIZAÇÃO ESPACIAL: UMA REFLEXÃO NECESSÁRIA

META

Explicar como as bases conceituais estabelecidas para o conceito de região evoluíram de modo a criar propósitos mais reais para fins de organização do espaço geográfico.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

definir os parâmetros usados através da história constitutiva da Geografia para fins da organização espacial.

PRÉ-REQUISITOS

Ter cursado as disciplinas História do Pensamento Geográfico e Organização do Espaço Mundial.



Uma cidade é uma organização espacial da sociedade e o processo de organização e reorganização da sociedade se deu a partir da transformação, gradual, da natureza primitiva em objetos humanizados, como uma cidade. Acima, imagem da Avenida Paulista, São Paulo. (Fontes: <http://www.mundoeducacao.com.br>)

INTRODUÇÃO

Caro(a) aluno(a),

Gostaríamos de insistir na ideia de que o teor destas aulas não lhe fará sentido se você não buscar novas leituras e pensamentos de outros autores, pois ele estará sempre permeando o conteúdo da ação geográfica, principalmente no contexto didático-pedagógico do ensino básico. É sempre muito enriquecedor quando reservamos um pouco do nosso tempo para este fim, caso contrário, a sua formação profissional ficará comprometida e a sua ação com verdadeiros vácuos. Somos todos sabedores de que mesmo nos cursos presenciais a academia não proporciona todas as ferramentas para este fim, até porque não é este o seu papel. Ela aponta não só os caminhos que você poderá seguir ou não, mas também as dificuldades que serão encontradas nesta caminhada. Por isso, adotar uma postura de estudante/pesquisador contribuirá bastante para a sua formação.

A compreensão das formas como o espaço está compartimentado ou espacializado globalmente, ora de forma organizada, ora de forma desorganizada, poderá ter o seu entendimento a partir do que você compreender nestas aulas e neste livro. Segundo Corrêa (1987: 53), a organização espacial, como objetivação e materialidade social, só muito recentemente tem merecido uma atenção explícita por parte dos geógrafos, do ponto de vista teórico. Nossa intenção, neste momento, é resgatar o que é importante neste conceito-chave para a Geografia e a sociedade. Estamos evidentemente longe de esgotar o assunto.

Para entendermos melhor o que está posto nessa temática, ou seja, a organização espacial, seguiremos o norte dado por Corrêa (1987) quanto à divisão em tópicos de cada elemento componente resultante dessa ação: a proposição conceitual; suas ligações com o capital e o Estado; Organização espacial vista como reflexo social; sua condição para o futuro; estrutura, processo, função e forma, ou seja, suas categorias de análise e suas relações com os movimentos sociais urbanos. Devemos ter a consciência de que estes temas não são mutuamente excludentes, ao contrário, complementam-se.

REFLEXÕES SOBRE A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL

Seguindo o raciocínio estabelecido pelos estudiosos da Geografia, inclusive no Brasil, o longo processo de organização e reorganização da sociedade deu-se concomitantemente à transformação da natureza em seu estado mais primitivo em objetos humanizados, tais como as cidades, as estradas, as minas, os parques ecológicos, os shoppings centers etc. Esses objetos organizados espacialmente constituem o espaço do homem, a organização espacial da sociedade ou simplesmente o Espaço Geográfico.

No processo de diferenciação da Geografia em relação às demais ciências sociais encontra-se a objetivação do estudo da sociedade através de sua organização espacial, o grande propósito desta ciência na atualidade. Seu objeto de estudo como ciência social é a sociedade, porém, viabilizada através da sua organização espacial. Portanto, a Geografia representa um modo particular de se estudar a sociedade, que é distinto da Antropologia, da Sociologia, da Economia, da História e de outras ciências.

Ainda segundo Corrêa (1987): “Como materialidade, a organização espacial é uma dimensão da totalidade social construída pelo homem ao fazer a sua própria história. Ela é, no processo de transformação da sociedade, modificada ou congelada e, por sua vez, também modifica e congela. A organização espacial é a própria sociedade espacializada”.

A partir de agora, vamos refletir sobre as questões estabelecidas e propostas na introdução desta aula.

A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL

Como já vimos nesta aula, caro(a) aluno(a), a organização espacial exprime a produção material do homem, é resultado de seu trabalho social e, sendo assim, irá refletir as características do grupo que a criou. Em uma sociedade capitalista, dividida em classes sociais, esta organização refletirá a natureza dessas classes sociais no contexto da produção, do consumo de bens materiais e do controle exercido sobre as relações entre as classes sociais que apareceram das relações sociais ligadas mais diretamente à produção.

Tomando como referência José Luís Coraggio, em seu artigo “Considerações teórico-metodológicas sobre as formas sociais da organização do espaço e suas tendências na América Latina” (1979), podemos refletir em torno de um conjunto de pensamento sobre a referida temática. Segundo este autor, o caráter repetitivo das operações de produção, circulação, consumo, controle e decisão implicam que se tenha:

a) Uma localização fixa no espaço dos meios de produção, circulação, consumo, controle e decisão;

b) Fluxos de força de trabalho e matérias-primas para o local onde cada operação se realiza, de bens para as áreas de consumo e de realimentação destas para as áreas de direção e controle.

As localizações fixas e os fluxos resultam cristalizações constituídas por:

- a) Localizações pontuais ou em áreas dos meios necessários às operações de produção, como fábricas, minas e campos;
- b) Localizações pontuais ou lineares dos meios de circulação, como rodovias, dutos, fios telegráficos, terminais e armazéns;
- c) Localizações pontuais ou áreas dos meios de vida consumidos individual ou coletivamente, como habitação;
- d) Localizações pontuais dos elementos do sistema de controle e decisão, de natureza financeira, política e ideológica.

Como você pode perceber a partir das colocações de Coraggio, no contexto da organização espacial em uma sociedade capitalista, aparecem padrões locacionais relativos às operações econômicas e ao sistema de controle e decisão.

E, para concluir este item, convém-nos afirmar que a organização espacial é assim constituída pelo conjunto de inúmeras cristalizações criadas pelo trabalho social. A sociedade concreta cria seu espaço geográfico para nele se realizar e reproduzir, para ela própria se repetir. Para isto, cria formas duradouras que cristalizam sobre a superfície terrestre.

ORGANIZAÇÃO ESPACIAL – CAPITAL E ESTADO

Hoje, qualquer ser mortal, que tenha o mínimo de entendimento sobre o modelo de sociedade vigente e dominante na maior parte do mundo, vai entender que o capital é o fio condutor de uma série de questões estabelecidas nas sociedades contemporâneas. Este fato, por si só, já sugere um cuidado especial no entendimento do que está posto.

A organização espacial é o resultado do trabalho do homem acumulado ao longo da história da humanidade e por isso percebe-se que no capitalismo este trabalho é realizado sob o comando do capital, ou seja, dos diferentes proprietários dos diversos tipos de capital, e também através da ação estatal capitalizada. Isto deixa claro que o capital e seu Estado são agentes da organização do espaço. Por isso, fala-se tanto, na Geografia Crítica, em espaço do capital.

Nesse sentido, cabem algumas considerações sobre o sistema capitalista que, na atualidade, caracteriza-se como hegemônico, apesar da resistência de vários países e de alguns povos e culturas. De modo geral, podemos caracterizá-lo como aquele em que existe uma apropriação privada dos meios de produção; um sistema em que dominavam, inicialmente, a livre concorrência e a iniciativa individual ou privada na vida econômica, as quais, diante da evolução, vêm sendo substituídas pela concentração das riquezas e

a iniciativa individual ou privada passa a ser suplantada pela ação dos grandes grupos econômicos organizados (conglomerados empresariais). Acrescenta-se ainda a formação de um mercado em que os países industrializados se tornaram ricos ou desenvolvidos, ou ainda países centrais, enquanto os de base agrícola ou mineral (excetuando-se o petróleo) se tornaram pobres ou subdesenvolvidos, ou mesmo países periféricos.

A intervenção do Estado nas atividades econômicas, a princípio condenada pelos economistas liberais, vem sendo cada vez mais intensificada, havendo grande diversificação no grau desta intervenção entre os vários países do bloco capitalista. O capitalismo moderno desenvolveu-se a partir do século XVI, graças aos grandes descobrimentos geográficos e à consequente exploração de minas de ouro e prata (México e Peru, a partir do século XVI, e Estados Unidos e Austrália, a partir do século XIX) que enriqueceram a burguesia, permitindo-lhe conquistar o poder econômico e, em seguida, o poder político, antes em mãos dos nobres, proprietários de terras e senhores das atividades políticas durante todo o período em que ocorreu o feudalismo.

E com relação ao ESTADO, você saberia identificar o que o caracterizaria? Vejamos: a noção de Estado está intimamente ligada à noção de território, sendo este um dos elementos essenciais apontados pelos cientistas políticos para a existência do Estado. No território, vive um povo que o explora e o utiliza, constituindo-se no segundo elemento do Estado e, finalmente, este povo está organizado politicamente das mais diversas formas, sob a jurisdição de um governo. Por isso, os juristas e cientistas políticos admitem que só exista um Estado quando se encontram nele os três elementos: território, povo e governo.

Compreendendo o que foi considerado a respeito do capitalismo e do Estado, podemos perceber que o grande capital, o Estado e o pequeno capital, agentes da organização espacial, têm uma estratégia de ação que lhes é aparentemente específica e inclui uma dimensão espacial. Sendo assim, a grande corporação capitalista pode, primeiramente, tomar decisões de investimento em um ou outro setor e/ou lugar a partir de estudos de viabilidade técnica que o pequeno capitalista não está capacitado a fazer.

A grande corporação capitalista pode criar ou induzir a criação de uma série de vantagens na sua própria escala ou investir no poder de pressão junto ao Estado. No caso brasileiro e na maioria dos países capitalistas tanto desenvolvidos como subdesenvolvidos, podemos fazer o seguinte questionamento: quantos prefeitos, deputados, senadores, governadores, ministros e até presidentes estão direta ou indiretamente vinculados a uma ou mais corporações capitalistas?

ORGANIZAÇÃO ESPACIAL COMO REFLEXO SOCIAL

Podemos começar este item afirmando: “Produto da ação humana ao longo do tempo, a organização espacial é um reflexo social” (CORRÊA, 1987: 67). É consequência do trabalho e da divisão do trabalho, como dizia Lefebvre (1976). É o resultado do trabalho social que transforma diferencialmente a natureza primitiva e cria formas espaciais diversas sobre a superfície terrestre.

Ainda no tocante às ideias de Corrêa (1987), podemos afirmar que, como o trabalho social e a sua divisão ocorrem em um determinado tipo de sociedade com certo nível de desenvolvimento das forças produtivas e um modo dominante de suas relações, a organização espacial resultante refletirá não só estas características básicas da sociedade, mas também o desenvolvimento das forças produtivas e as relações de produção. E, como estas últimas vão se traduzir em classes sociais e seus conflitos, a organização espacial as refletirá.

ORGANIZAÇÃO ESPACIAL E REPRODUÇÃO

Como verificamos no item anterior, apesar de afirmarmos que a organização espacial é reflexo da sociedade, gostaríamos de complementar que, ao ser reflexo, ela passa a ser simultaneamente uma condição para o futuro desta sociedade, isto é, passa obrigatoriamente a garantir a sua reprodução social. Isso fica claro a partir do momento em que percebemos que esse papel assumido adquire superior importância devido à crescente acumulação de formas espaciais que o capitalismo contemporâneo cria, exemplificada com a progressiva urbanização da humanidade. Segundo Lefebvre (1976), é o papel mais importante da organização espacial, pois “a totalidade do espaço se converte no lugar da reprodução das relações de produção”. Relações estas que estão no centro das sociedades estruturadas em classes sociais, as sociedades capitalistas. Então, podemos concluir que a organização espacial é condição de reprodução.

Isto pode ser clareado por meio do exemplo a seguir. A concentração de atividades localizadas em um ponto de um determinado território, maximizando a acumulação de capital para estas, condiciona a continuidade deste processo: os complexos industriais e as áreas metropolitanas são exemplos disto. O mesmo se pode dizer ao mudar a escala das ruas caracterizadas por um único tipo de atividade – comércio de móveis, autopeças, acessórios de veículos, eletrodomésticos, confecções etc. As vantagens oriundas dessa aglomeração induzem à reprodução do padrão espacial preexistente.

Fica mais fácil de compreender isto ao considerarmos que o papel da organização espacial, como condição para a reprodução social, é mais evi-

dente quando se atenta para as diferentes classes sociais e suas frações em um meio urbano, ou seja, numa cidade como a sua, por exemplo. É, em grande parte, através da segregação residencial que estas se reproduzem. Então podemos nos questionar: como a segregação residencial viabiliza a reprodução das classes sociais e suas frações?

Pelo fato de as diversas áreas residenciais, diferenciadas entre si (veja a realidade de sua cidade, por exemplo, com bairros de pobres e bairros de ricos, ruas de pobres e ruas de ricos), mas razoavelmente homogêneas quando consideradas internamente, configurarem meios distintos para a interação social, da qual os indivíduos derivam seus valores, expectativas, hábitos de consumo e estado de consciência. A partir do bairro ou da rua podemos enxergar a cidade e também o mundo. Um reflete o outro.

Resumindo, a sociedade é aquilo que o homem quer que ela seja e é também aquilo que o capital determina. Mas apelamos para a não naturalização disso. Nas ações mais próximas e particulares de cada um de nós, podemos mudar o que está posto. O capital pode muita coisa, mas não pode tudo. Portanto, cabe a cada cidadão fazer a sua parte para obter uma organização espacial mais justa e dentro das perspectivas das classes sociais menos favorecidas.

ESTRUTURA, PROCESSO, FUNÇÃO E FORMA

Agora chegou o momento de buscarmos um pouco das teses de Milton Santos sobre esta temática. É dele a assertiva de que para se compreender a organização espacial e sua respectiva evolução – quer dizer, a evolução da totalidade social espacializada –, torna-se necessário interpretar a relação dialética entre estrutura, processo, função e forma. Estas são as categorias analíticas que permitem a compreensão da totalidade social em sua espacialização, ou, no dizer deste autor: “como os homens organizam sua sociedade no espaço, e como a concepção e o uso que o homem fez do espaço sofrem mudanças” (MILTON SANTOS, 1985: 53).

E como é que ele analisou as categorias evidenciadas anteriormente? Vejamos, de forma sintética, cada uma delas, conforme seu pensamento.

a) FORMA – consoante o autor, este é o aspecto visível, exterior, de um objeto, referindo-se ainda ao arranjo deles, que passam a constituir um padrão espacial. Uma casa, um bairro, uma cidade e uma rede urbana são formas espaciais de diferentes escalas. Não podemos cair na ingenuidade de analisar apenas a forma pela forma em si, pois, se assim procedermos, estaremos atribuindo a ela uma autonomia que não tem. É necessário entendermos os aspectos evidenciados numa ação integrada e integradora, por isso, não podemos apenas observar a forma, prendendo-nos apenas à aparência, pois sua essência aparece nos processos e funções que emanam da estrutura, como veremos a seguir.

b) **FUNÇÃO** – este termo implica uma tarefa, atividade ou papel a ser desempenhado pelo objeto criado, que tem um aspecto exterior, visível – a forma – e desempenha uma atividade – uma função. Habitar, viver o cotidiano, a vida em suas variadas facetas – trabalho, compras, lazer - , visitar parentes e consumir em outras cidades são algumas das funções associadas, respectivamente, à casa, ao bairro, à cidade e à rede urbana.

A relação entre forma e função, segundo Milton Santos (1985), é, em princípio, direta: uma determinada forma é criada para desempenhar uma ou várias funções; e não existe função sem uma forma correspondente. Logo, não se pode dissociar forma e função no estudo da organização espacial.

c) **ESTRUTURA** – Milton Santos afirma que este termo é relativo ao modo como os objetos estão organizados, refere-se não a um padrão espacial, mas à maneira como estão inter-relacionados. Diferentemente da forma, a estrutura não constitui algo que tenha uma exterioridade imediata. Ela é invisível, estando subjacente à forma, uma espécie de matriz em que a forma é gerada. Estrutura é, então, a natureza social e econômica de uma sociedade em um dado momento do tempo e da história.

d) **PROCESSO** – é definido por este autor como uma ação que se realiza continuamente (por isso, é processo), visando a um resultado qualquer, implicando tempo e mudança. Os processos acontecem dentro de uma estrutura social e econômica e resultam de suas contradições internas. Logo, podemos dizer que processo é uma estrutura em seu movimento de transformação.

Concluindo, podemos considerar o pensamento mais eficaz de Milton Santos sobre a análise dessas categorias geográficas: “Forma, função, estrutura e processo são quatro termos disjuntivos associados, a empregar segundo um contexto do mundo de todo dia. Tomados individualmente, representam apenas realidades parciais, limitadas, do mundo. Considerados em conjunto, porém, e relacionados entre si, eles constroem uma base teórica e metodológica a partir da qual podemos discutir os fenômenos espaciais em totalidade” (1985: 52).

CONCLUSÃO

Qualquer análise espacial ou da organização espacial, quer leve em consideração o chamado “espaço geográfico”, econômico ou sociológico, para ser reconhecida academicamente, tem de ser feita interpretando-o como o resultado de um processo que ora se realiza de forma linear, ora é interrompido por fatores que a ela se opõem, provocando transformações substanciais. Essas transformações, porém, não se constituem numa ruptura total, porque os fatores que agiam na produção do espaço e que foram freados pela intervenção continuam atuando de forma secundária, desacelerando e interferindo nas transformações que se processam. Por essa razão, consideramos que o espaço deve ser focalizado sempre como um campo de forças, de atritos entre objetivos e ações nos quais os elementos mais dinâmicos tendem a se expandir e os menos dinâmicos, a perder influência.

O estudo da organização espacial leva-nos, naturalmente, a compreender melhor a importância de se estudar a região e a regionalização e todo o processo de composição e arrumação dos elementos e objetos que estão contidos em seus conceitos. Fica evidente como o conteúdo político permeia essa ação em cada uma das categorias estudadas por Milton Santos (1985), isto é, na forma, na função, na estrutura e no processo.

RESUMO

Ao explicar o conteúdo desta aula, intentamos facilitar a compreensão da teoria que está posta em torno da base conceitual da região. Percebemos que novos e muitos elementos devem ser acrescentados ao se estudar esse conceito-chave na Geografia e que o conteúdo social, político e econômico é sempre muito significativo quando consideramos o referido conceito. Nas aulas anteriores, verificamos apenas como o conceito surgiu. Porém, neste momento, percebemos essa influência do mundo externo sobre as bases conceituais. As necessidades humanas canalizadas pela ação política do Estado e também pela ação do sistema capitalista. Percebemos que, como materialidade, a organização espacial é uma dimensão da totalidade social construída pelo homem ao fazer a sua própria história. Ela é, no processo de transformação da sociedade, modificada ou congelada e, por sua vez, também modifica e congela. A organização espacial é a própria sociedade espacializada.





ATIVIDADES

A Editora Brasiliense lançou uma coleção de pequenos livros (chamados livros de bolso) denominada Primeiros Passos e dela faz parte um livro de Ladislau Dowbor, O que é Capital, por várias vezes editado. Pois bem, indicamos a você a leitura deste livro para completar sua base de estudo sobre o capital e sobre o capitalismo. Com certeza você terá uma boa ajuda na compreensão deste conteúdo.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Nunca é demais esclarecer que a expressão organização espacial tem vários sinônimos, dependendo de quem a estuda: estrutura territorial, configuração espacial, formação espacial, arranjo espacial, espaço geográfico, espaço social, espaço socialmente produzido ou simplesmente espaço. Dizer que cada uma delas corresponde a uma específica visão de mundo e, ainda, que uma é melhor que a outra constitui falsas assertivas, de natureza formal. A organização espacial é, como vimos no conteúdo desta aula, expressão e produção material do homem, resultado de seu trabalho social e como tal refletirá as características do grupo que a criou.



PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, faremos um estudo das teorias da localização e das teorias do desenvolvimento regional.



AUTOAVALIAÇÃO

Depois de ter lido todo o conteúdo posto nesta aula, será que sou capaz de elencar as características mais importantes no processo da organização espacial? Se isto não aconteceu, por quê? O que faltou?

Será que tive disposição suficiente para ler o que está posto e recomendado? O conteúdo ajudou-me no esclarecimento de questões obscuras sobre a temática?

Será que ficou entendido o que é a organização espacial? Quais os seus elementos componentes? Como esse entendimento poderá ajudar-me a compreender as bases conceituais estabelecidas para a região?

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia Econômica**. 10ª Edição, São Paulo: Atlas, 1989.

CORAGGIO, José Luís. **Considerações teórico-metodológicas sobre as formas sociais da organização do espaço e suas tendências na América Latina**. Salvador, 7, 1979.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e Organização Espacial**. 2ª Edição, São Paulo: Editora Ática, 1987.

LAVINAS, Lena; CARLEIAL, Liana Maria da Frota; NABUCO, Maria Regina. **Integração, Região e Regionalismo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

LEFEBVRE, Henri. **Espacio y Política**. Barcelona: Península, 1976.